



7º Encontro Internacional de Política Social
14º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Contrarreformas ou Revolução: respostas ao
capitalismo em crise
Vitória (ES, Brasil), 3 a 6 de junho de 2019

Mesa Coordenada Movimentos sociais e a práxis midiática na internet

**MOVIMENTOS SOCIAIS E O DEBATE SOBRE A COMUNICAÇÃO NA
ATUALIDADE**

Célia Barbosa da Silva Pereira¹

Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa qualitativa que visa conhecer como movimentos sociais feministas consolidados têm se apropriado das tecnologias da informação e comunicação (TICs) como ferramentas para realizar seus processos de mobilização e divulgação. Busca verificar a proximidade com uma tendência movimentalítica anunciada com a eclosão de protestos massivos e movimentos sociais a partir de 2011 que centraliza as TICs. Ainda que essas sejam reconhecidas como meios importantes pelos movimentos feministas pesquisados não são centrais e nem substituem mecanismos tradicionais de mobilização e divulgação, tais como contato pessoal, telefônico e distribuição de panfletos. Ademais as TICs são apropriadas por esses movimentos, levando em conta as potencialidades e limitações delas.

Palavras-chave: Movimentos sociais; Tecnologias da informação e comunicação.

Social movements and the current communication debates

Abstract

This article results from a qualitative research that aims to know how consolidated feminist social movements have been appropriated information and communication technologies (ICTs) as tools to carry out their mobilization and dissemination processes. It seeks to verify the proximity with a moving trend announced with the outbreak of mass protests and social movements from 2011 that centralizes ICTs. Although these are recognized as important means by the feminist movements researched, they are not central nor substitute traditional mechanisms of mobilization and divulgation, such as personal contact, telephone and distribution of pamphlets. In addition, ICTs are appropriated by these movements, taking into account its potentialities and limitations.

Keywords: Social movements; Feminist movements; Information and communication technologies.

1 Introdução

A primeira metade desta década foi marcada por inúmeras manifestações massivas em diferentes países do globo. Muitos desses protestos foram convocados com o uso intensivo, principalmente, das redes sociais da internet, como ocorreu em 2011, por exemplo, com a Primavera Árabe (Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen, entre outros), o Occupy Wall Street (EUA), *Los Indignados* (15M, na Espanha e 12M, em Portugal), entre outros (CASTELLS, 2013; GOHN, 2014; HARVEY et al., 2012; BRAGA, 2015).

¹ Doutora em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Movimentos e Práticas Sociais da Ufes (NEMS/Ufes). E-mail: <celiabsp@gmail.com>.

É consenso entre esses autores - de diferentes correntes teóricas - a análise de que esses protestos deflagraram os danos da crise capitalista atual, em curso desde finais de 2007, que afetam amplos segmentos da população mundial.² Como contraponto aos efeitos dessa crise, esta onda de protestos³ emergiu nos últimos anos em diversas partes do mundo e chamou a atenção de analistas sociais e políticos devido às características comuns que as expressões concretas dessa onda apresentaram em países periféricos e centrais, mobilizando milhares de pessoas.

A espontaneidade na origem das manifestações, a recusa de espaços políticos e formas de lutas tradicionais (parlamento, sindicatos, partidos), o perfil jovem dos manifestantes, a horizontalidade na organização, a pluralidade de bandeiras de lutas, a ocupação de espaços públicos, o uso das novas tecnologias da informação e comunicação, foram as principais características destacadas pelos autores, seja no sentido de valorizar ou de refutar algum desses aspectos (CASTELLS, 2013; GOHN, 2014; HARVEY et al, 2012; BRAGA, 2015). De todo modo, a conjuntura de efervescência movimentalista trouxe para o centro do debate a eclosão de “novos movimentos políticos”, “novíssimos movimentos sociais” ou “movimentos sociais em rede”.⁴

No Brasil, as manifestações de junho de 2013⁵ foram vistas como expressão dessa onda de protestos global. Para Gohn (2014), as manifestações que tomaram as ruas e praças

² Segundo Castells (2013), na Tunísia, no período das manifestações, a taxa de desemprego era de 13,1%, ao passo que entre os jovens esse percentual era de 21,1% (Idem, p. 27). Na Islândia, a crise financeira acarretou uma queda significativa do PIB do país, de 6,8% em 2009 para 3,4% em 2010 (Ibidem, p. 35). No Egito, a maioria dos trabalhadores desenvolvem atividades laborais no setor informal e pelo menos 40% da população é pobre (Ibidem, p. 58). Nos países árabes onde ocorreram os levantes populares, a liberalização e a subordinação econômica levaram a altas no preço de gêneros alimentícios nestes países, impedindo o consumo de boa parte da população (Ibidem, p. 75). Na Espanha, o desemprego em 2011 era de 22%, entre os jovens este número era ainda mais expressivo, 47% (Ibidem, p. 86). Nos Estados Unidos, 1% da população passou a deter 23,5% da renda.

³ Conforme Barker (2014, p. 11): “A figura de uma ‘onda’ implica situações ou períodos de ‘ascensão’ e ‘queda’.” Trata-se de períodos históricos em que as diversificadas lutas (ou inúmeros movimentos sociais) que compõem o movimento social geral experimentam padrões/características similares no seu desenvolvimento ou mesmo na sua retração.

⁴ A primeira expressão é usada por Carneiro para se referir aos movimentos sociais de massa que surgiram em diferentes países (Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen, Espanha, Portugal, Grécia, Chile, EUA, Rússia) na primeira metade desta década (HARVEY et al, 2012, p. 14). A segunda é usada por Gohn (2014, p. 22) também para referir-se aos eventos massivos globais da atualidade. Alves fala de “novos movimentos sociais” ao reporta-se aos mesmos protestos (HARVEY et al, 2012, p. 35). A terceira expressão, movimentos sociais em rede, é cunhada por Castells (2013) e adotada também por Scherer-Warren (2014) para discorrer sobre as novas formas de movimentos sociais que surgiram neste contexto.

⁵ Expressões como “Jornadas, atos, onda, protesto de massa, mobilizações, revoltas etc.” (GOHN, 2014, p. 8), bem como “acontecimentos de junho” (SINGER, 2013, p. 26) e “manifestações”, termo escolhido por Gohn (2014, p. 12) e Scherer-Warren (2014, p. 417), foram usadas para nomear o que ocorreu em junho de 2013 no Brasil.

com ações de protesto inserem-se em uma categoria mais geral, denominada por ela de “Movimento dos Indignados”. Segundo a autora,

As manifestações de junho de 2013 no Brasil fazem parte de uma nova forma de movimento social composta predominantemente por jovens, escolarizados, predominância de camadas médias, conectadas por e em redes digitais, organizados horizontalmente, críticos das formas tradicionais da política, tais como se apresentam na atualidade - especialmente os partidos e sindicatos -, eles pregam a autonomia em relação a essa forma antiga, embora alguns possam ter articulações com alguns partidos mais radicais (GOHN, 2014, p. 12).

Com o olhar focado nesses novos formatos de movimentos sociais, Castells (2013) argumenta que o sentimento de humilhação gerado nas pessoas decorrentes das atitudes dos detentores do poder financeiro e político-cultural foi o motor das rebeliões globais, no início desta década. Conforme esse autor, a causa dos protestos derivaria da indignação das pessoas frente ao gerenciamento da crise financeira e ao vazio institucional e de alternativas, visível na perda de legitimidade das instituições políticas tradicionais como parlamento, partidos e sindicatos (CASTELLS, 2013).

Para Castells (2013), a principal inovação desses movimentos sociais atuais está nas possibilidades que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) trouxeram para eles. Apesar de reconhecer que a internet, assim como qualquer outra tecnologia, não é a fonte causadora dos protestos sociais, para o autor as TICs teriam contribuído para introduzir uma tendência movimentalística: *os movimentos sociais em rede*, formatando o processo de origem, organização, articulação, comunicação, mobilização, propiciando as condições para que eles mantenham a espontaneidade, autonomia e horizontalidade frente às tentativas de dominação institucional. Nesse sentido, a internet ultrapassaria o caráter meramente instrumental, expressando uma dimensão supervalorizada para o autor, que chega a afirmar que “[...] a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura de liberdade na prática da autonomia⁶” (CASTELLS, 2013, p. 168).

Frente a essas considerações iniciais, esse artigo parte do seguinte pressuposto: refletir sobre uma possível tendência movimentalística requer atentar não apenas para arranjos de movimentos sociais que surgiram nesta década, uma vez que estes podem inclusive demonstrar um caráter efêmero. Nesse sentido, é importante investigar se os movimentos

⁶ A autonomia é conceituada pelo autor como sendo a “[...] capacidade de um ator tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p. 168). Para ele, autonomia é uma característica herdada, decorrente da mudança cultural introduzida pelos movimentos sociais de 1968 e que passou a permear os movimentos sociais.

sociais consolidados⁷ têm ou não reproduzido características dessa tendência anunciada; se sim, de que forma e se não, então, quais as particularidades de suas características em relação aos movimentos sociais mais recentes. Ademais, tendo em vista a heterogeneidade dos movimentos sociais é preciso questionar ainda em que medida essa tendência estaria sendo reproduzida em movimentos mais críticos ao sistema capitalista. Assim, como forma de contribuir com o debate atual sobre o uso das TICs por movimentos sociais, esse artigo traz elementos que colocam em questionamento a sua apropriação por parte de movimentos sociais anticapitalistas consolidados.

Desta feita, o objetivo do presente trabalho é mostrar como a Articulação das Mulheres Brasileiras (AMB), a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) em sua expressão no Brasil e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) têm usado as TICs, especificamente, no que se refere aos processos de mobilização e divulgação de suas ações, na atualidade, a fim de verificar se para estes movimentos a internet possui um caráter instrumental tal como outros meios de comunicação ou se ganha maior destaque ou centralidade, como muitos autores afirmam acontecer com movimentos sociais que surgiram na cena política a partir de 2011.

A escolha desses movimentos feministas como foco desse artigo levou em conta a expressividade nacional que possuem e o fato de serem movimentos auto-organizados por mulheres, que afirmam possuir autonomia em relação a organizações político-partidárias, característica que à primeira vista mostrava certa proximidade com os novos formatos anunciados no início desta introdução.⁸ Assim, com base em uma pesquisa empírica, são apresentados alguns resultados de um estudo exploratório, resultado de uma tese de doutorado defendida em 2019, na qual esses movimentos feministas enunciados (AMB, MMM e MMC)

⁷ Neste artigo, consideramos como movimentos sociais consolidados aqueles que possuem uma permanência temporal superior a uma década.

⁸ Dizemos à primeira vista, uma vez que a pesquisa empírica realizada por nós com estes movimentos sobre o aspecto da relação com partidos políticos demonstrou que o caráter de distanciamento dos partidos apresentado pelos movimentos sociais em rede, segundo mostrou Castells (2013) e pelos novíssimos movimentos sociais, conforme Gohn (2014), não é reproduzido por movimentos feministas anticapitalistas consolidados no Brasil. Ao contrário, esses movimentos apresentaram no contexto de acirramento da crise capitalista, relação não apenas próxima, mas inclusive orgânica, com os partidos do mesmo campo político, de esquerda (Cf. PEREIRA, 2019).

foram analisados.⁹ A técnica metodológica usada foi a entrevista em profundidade¹⁰, guiadas por um roteiro de caráter semi-estruturado, com perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas no período entre maio e dezembro de 2017, com um total de 14 mulheres, considerados os três movimentos de forma geral. Destas, sete (7) são militantes da MMM, quatro (4) da AMB e três (3) da MMC. Tendo em vista a natureza qualitativa da pesquisa e que não é nosso objetivo realizar um estudo comparativo entre os três movimentos preferimos manter todas as entrevistas mesmo com a diferença no número de militantes de cada movimento.

Além desta primeira parte introdutória, a estrutura do artigo conta com mais três partes. Na segunda buscamos, de forma breve recuperar algumas análises que apontam para centralidade da internet nos arranjos movimentalísticos que emergiram a partir de 2011 e outras que fazem a crítica a esse apontamento; na terceira, apresentamos e analisamos alguns dados colhidos sobre três movimentos feministas consolidados no que diz respeito aos seus processos de mobilização e divulgação; e, na última parte, trazemos as conclusões com algumas problematizações que servem mais para abrir o debate do que para fechá-lo.

2 A apropriação das TICs pelos arranjos movimentalísticos a partir de 2011

Como um dos autores de referência para as análises que evidenciam a centralidade da internet como mecanismo propulsor de mudanças sociais e culturais, Castells (2013) considera que o ambiente virtual, formado por redes sociais da internet, serviços de telefonia móvel e canais de vídeos na internet, foi o principal fator que possibilitou o surgimento dos *movimentos sociais em rede*, em um contexto marcado por desprezo a partidos políticos,

⁹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFES, e-mail <cep.goiabeiras@gmail.br>, n. do CAAE: 66051917.4.0000.5542. E, financiada pela FAPES. O presente artigo apresenta uma síntese de parte dos dados colhidos para esta pesquisa, realizada pela autora para o seu processo de doutoramento, mas que não chegaram a ser analisados devido ao prazo de finalização do estudo. Utilizamos este espaço como forma de manter o compromisso com as entrevistadas e os movimentos pesquisados e apresentar uma proposta inicial de análise desses dados.

¹⁰ A escolha das entrevistadas seguiu a técnica "bola de neve" (snowball sampling). Segundo Dewes (2013, p.8), "este tipo de método baseado na indicação de um indivíduo de um ou mais outros indivíduos é também conhecido como método de cadeia de referências. O processo começa de um certo número de sementes, pessoas selecionadas de alguma forma pelo pesquisador e que fazem parte da população-alvo. Essas pessoas, por sua vez, são incumbidas de indicar a partir de seus contatos outros indivíduos para a amostra. Segue-se assim, sucessivamente, até que se alcance o tamanho amostral desejado".

desconfiança da grande mídia, não reconhecimento de lideranças e rejeição à organização formal.

A questão da recusa de espaços políticos institucionalizados e de formas de lutas tradicionais (parlamento, sindicatos, partidos), anunciada pelos *movimentos sociais em rede*, é analisada por Castells (2013) como uma tendência na cena contemporânea, na qual os movimentos sociais passam a usar cada vez mais as redes digitais para o processo de mobilização, articulação e até mesmo organização, ampliando os espaços e as possibilidades de atuação deles. Um dos anseios dos participantes desses novos arranjos movimentalísticos seria, conforme o autor, uma democracia mais direta, com as decisões elaboradas com base na participação de todos. A possibilidade dessa reconfiguração da democracia para Castells (2013) pauta-se justamente nas potencialidades que as TICs apresentam, sobretudo através da internet. Elas cumpririam uma espécie de mediação entre movimentos sociais variados articulados pelas redes e protegidos de tentativas de desarticulação decorrentes do jogo institucional, apontando para uma nova formatação da política e da democracia, mais próxima de uma democracia deliberativa.

Com uma análise próxima a de Castells (2013), Gohn (2014) defende a hipótese de que o contexto mundial contemporâneo comporta uma nova forma de associativismo civil, na qual, segundo a autora, os jovens destacam-se como sujeitos políticos, o que não significa que não haja a participação de outros. Segundo ela, as mobilizações massivas na primeira metade da década atual não foram convocadas por partidos políticos e sindicatos e, na maioria dos casos ocorreram distanciadas dessas organizações e quando estas estiveram presentes tiveram pouca visibilidade. Para a autora, entre outros fatores, isso decorre dado o “desencanto com a política” de uma maneira geral (GOHN, 2014, p. 20). Assim como Castells (2013), a autora também destaca o uso das redes sociais digitais como forma de articulação dos processos movimentalísticos mais atuais.

Pinto (2014) também defende a tese de que as manifestações e movimentos sociais que surgiram a partir de 2011 apresentam uma nova forma de fazer política. Entre as novidades apontadas pela autora como características desses arranjos, também aparece o uso da internet para além de seu caráter instrumental, isto é, apenas como mecanismo voltado para a comunicação. A internet é vista também como um espaço para a organização social. Semelhantemente a Castells (2013), essa autora valoriza as potencialidades que o uso da internet apresenta para criar uma dinâmica que permite tornar o movimento mais acessível, a

partir do uso de blogs, twitter, facebook, MSN, possibilitando ao mesmo alcançar apoio de pessoas inicialmente não mobilizadas.

Para Amaral (2013), considerado o alcance da influência ideológica proporcionado pelas grandes mídias, a internet constitui-se um fato novo, não só pelo papel da rede em relação ao seu caráter mobilizador, mas, sobretudo, pela sua potencialidade contra o controle ideológico, pois diferentemente da imprensa tradicional, a internet possui um caráter heterogêneo na composição das opiniões expressas. Apesar de expressar certo entusiasmo, o autor alerta para o caráter de disputa que ocorre também no espaço virtual.

Já as análises de Harvey e as de Davis (ambas in HARVEY et al) levantam críticas ao papel central atribuído às mídias digitais no processo de mobilização e organização das manifestações massivas e movimentos occupys do início desta década. Harvey é enfático ao afirmar: “[...] são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook, que realmente importam” (HARVEY et al, 2012, p. 61). Também para Davis, os fóruns urbanos continuam a ser a melhor forma de mobilização, haja vista que o debate na internet acaba voltando-se para um grupo já mobilizado pelo tema, ou no máximo para um grupo demográfico já esperado. Para esse autor, as mídias digitais são apenas ferramentas que podem colaborar com as mobilizações (HARVEY et al., 2012). Convergindo com esses autores, Iasi chama a atenção:

O que move a classe e seus setores internos de um momento para o outro do processo de consciência não é a propaganda de um setor esclarecido (com o desvelamento de nexos mais particulares ou universais da totalidade) sobre aqueles não esclarecidos, salvando-os das trevas, procedimento agora facilitado por meios digitais de divulgação. Este é um mito que herdamos da burguesia e sua fé na educação, agora apenas atualizado ao saltar da prensa de Gutenberg para os ágeis teclados de smartphones (IASI, 2013, p. 44).

3 A comunicação em movimentos feministas consolidados: AMB, MMM e MMC

A Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) em sua expressão no Brasil e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) são movimentos feministas auto-organizados por mulheres que possuem origens que remontam ao final do século passado. Naquele contexto, os três se configuravam como grandes articulações de movimentos feministas ou de mulheres. O processo de desenvolvimento dessas articulações como espaços compostos por mulheres de diversas organizações e mulheres que não estavam organizadas em outros espaços culminou com a metamorfose delas em movimentos sociais feministas, na primeira metade dos anos 2000.

Trata-se de movimentos feministas críticos ao sistema capitalista, que possuem expressividade nacional e se organizam de forma independente, possuindo suas próprias diretrizes que orientam sua ação coletiva. Possuem arranjos bastante diversificados entre si, mas eles têm em comum o fato de se constituírem movimentos-articulação, pois, são compostos por outros movimentos sociais e por mulheres avulsas, além compartilharem diversas bandeiras de luta, mesclando pautas voltadas para toda a classe trabalhadora e focadas na mulher. Feita esta apresentação mais geral, dado o espaço que temos neste artigo, nos ataremos em mostrar alguns aspectos dos processos de mobilização e divulgação realizados por esses movimentos feministas.

Articulação de Mulheres Brasileiras

A AMB possui uma coletiva de comunicadoras que se ocupam de organizar em caráter nacional, o processo de divulgação das ações, diretrizes e críticas do movimento, que acaba servindo também de elemento mobilizador de novas participantes e também de sensibilização sobre o feminismo (Entrevistada I, AMB). O movimento direciona sua mobilização para as mulheres da classe trabalhadora, principalmente, dos segmentos populares, ainda que por vezes façam também atividades voltadas para as estudantes, sobretudo, universitárias (Entrevistadas H e I, AMB).

A comunicação interna, isto é, entre as militantes do movimento, se desenvolve nos âmbitos nacional e local de formas diferentes. Em âmbito nacional é utilizado: “lista de emails e grupos de whatsapp, ou telegram e outros aplicativos para lutas específicas que merecem maior segurança” (Entrevistada H, AMB), telefonema para “as coordenadoras, para as pessoas de referência nos estados” (Entrevistada I, AMB). No âmbito local além desses mecanismos, para alcançar as mulheres ainda não organizadas são utilizadas também chamadas gravadas e divulgadas por meio de carros de som ou panfletos impressos (Entrevistada H, AMB).

A comunicação externa, isto é, a exposição de práticas do movimento para a sociedade em geral, para outros movimentos sociais e para mulheres não organizadas é realizada com o apoio das TICs: facebook, site, blog (Entrevistadas H, I, J, AMB), mas não se esgota nelas. Ao contrário, para o movimento é importante a mescla de atuação nas frentes presenciais e virtuais.

[...] a atuação nas redes sociais a gente entende que é muito importante, há um grande debate feminista nas redes que a gente considerada e quer construir, também incidir, quer fazer movimentar, mas a gente acha que não é o suficiente, a gente tem que ter isso nas ruas, tem que ter espaço de dialogo com as mulheres. Então, no mesmo momento que a gente está construindo a virada feminista na internet, a gente está fazendo vários debates, uma serie de rodas de conversa, ações de rua pela defesa da legalização do aborto, a gente combina isso. A ação direta na rua não precisa ser massiva, mas tem que ser impactante (Entrevistada I, AMB).

Mesmo que atento aos riscos, o movimento aposta nas mídias digitais como espaços alternativos em relação às grandes mídias tradicionais.

A mídia é uma faca de dois gumes. A gente questiona o modelo, mas precisa publicizar. Os meios de comunicação gerais, mais amplos, não publicizam nossas lutas, causas e conquistas, do ponto de vista que a gente gosta de divulgar. Para divulgar, da nossa perspectiva, a gente tem utilizado muito [as mídias digitais] e para isso as mais jovens tem muita habilidade. Considero primordial, principalmente, nesse contexto no qual as pessoas se informam muito por esse meio de comunicação, mídia digital; se informa e desinforma. (Entrevistada K, AMB)

Apesar da preocupação em ampliar seus processos de mobilização e divulgação de alcance nacional, a AMB ainda esbarra com muitos desafios concretos, sobretudo, no uso das TICs.

O uso das mídias digitais tem muito amorismo. A gente tem o facebook e tem o site, mas o site, como a gente está sem dinheiro, está parado, a gente diz que é um folder eletrônico. O facebook a gente coloca mais coisas e tal, mas a gente utiliza de uma forma precária. A gente começa a discussão de canal de youtube (jogar vídeo das ações de rua, encontros), mas o uso é bastante pequeno (Entrevistada H, AMB).

Os problemas, no que diz respeito ao uso das TIC não se reduzem à limitação do próprio movimento no manejo das mídias digitais, mas também do alcance reduzido que estas ainda apresentam em várias regiões do país, como afirma a entrevistada abaixo.

Na Amazônia só 20% das residências tem internet, no Nordeste até mesmo em Recife tem bairro que não tem internet. É um nível de precarização da realidade social que dificulta o uso de mídias digitais. Especialmente, norte e nordeste, mas também no centro-oeste, muitas mulheres tem limitação com o uso das mídias digitais. Com o whatsapp isso melhorou, o acesso do telefone facilita, [por exemplo,] se você trabalha na faxina, no comércio, você [pode] usar o telefone no intervalo, é mais fácil do que o computador (Entrevistada H, AMB).

Apesar de o uso das TICs ter como foco principal o processo de mobilização de militantes e de novas participantes e divulgação das atividades do movimento, esse uso começa a extrapolar esta função mais instrumental e avançar para o processo de organização do movimento, na tomada de pequenas decisões.

A gente em uma lista de emails, a gente tem um grupo de whatsapp que facilitam muito nossa articulação, nossa comunicação e a tomada de decisão. Para a gente tomar decisão isso é feito a partir de um processo de consulta nesses instrumentos de

comunicação, parte dessas decisões é tomada na plenária e outras que são mais cotidianas são tomadas nesses espaços de comunicação (Entrevistada I, AMB)

Marcha Mundial das Mulheres

A MMM possui um processo de comunicação bastante estruturado, que é organizada por uma rede de comunicadoras, em geral, com um perfil jovem e pela secretaria nacional do movimento. A rede fica responsável mais com a divulgação externa do movimento, sobretudo, com o uso das TICs, ao passo que a secretaria encaminha e-mails para mobilização das reuniões e repasses de comunicados gerais com o foco mais nas militantes (Entrevistada A, MMM). Os repasses de informações e processos de mobilização são feitos a partir de duas listas de e-mail, uma mais restrita às militantes mais orgânicas e outra mais ampla, com cerca de dez mil contatos (Entrevistadas C e G, MMM). As reuniões são comunicadas por e-mails e reforçadas por contato telefônico e até pessoal. Os mecanismos de mobilização em âmbito estadual variam conforme cada realidade, mas acabam reproduzindo o retrato nacional, utilizando-se de contatos telefônicos, grupos de whatsapp com militantes mais orgânicas, lista de e-mails (Entrevistada A, MMM).

Aqui e em outros estados, além das mídias digitais, a gente tenta popularizar a comunicação, no sentido de não se deter apenas as redes sociais, todas as articulações e movimentos, a Marcha acompanha presencialmente [indo] nas reuniões, dando informes, participando do grupo de whatsapp, sempre divulgando as atividades (Entrevistada F, MMM).

[...] Eu acho que ela [internet] é eficaz para um determinado setor, não é eficaz para a humanidade toda; é eficaz para o setor jovem, classe média e outras. No nosso caso, a nossa Marcha é muito popular, então, nós temos que utilizar outros meios de comunicação: telefone, recado, tudo isso ainda utilizamos (Entrevistada A, MMM).

Com processos de comunicação e mobilização tão diversificados, mesclando “[...] desde essa coisa da internet com outras alternativas para as mulheres populares que não tem acesso à internet” (Entrevistada A, MMM), a MMM consegue alcançar perfis bem diversificados de mulheres. Assim, são usados mecanismos que vão desde a comunicação boca a boca, de roda de conversa, programa em rádios comunitárias, ocupação de espaços públicos, até iniciativas mais recentes tais como página no facebook, telegram, site, blog, telegram, instagram, flicker, programa de televisão, vídeos de formação, entre outros que cumprem simultaneamente o papel de comunicação, mobilização e formação (Entrevistadas B, C, D e E, MMM).

A gente tem utilizado de tudo que tem disponível de mobilização, de instrumento de comunicação, inclusive a gente tem experimentado nesse processo de mobilização, outros formas como o teatro, é um fator que casa a arte com essa perspectiva de mobilização, a própria batucada para nós é um elemento mobilizador e comunicador, [...] intervenções no urbano, desde lambi-lambi a murais, também são formas para gente que casa mobilização e comunicação porque isso serve para mobilizar várias mulheres, [...] grupos de hip hop (Entrevistada B, MMM).

Ainda que com esta diversidade do público-alvo, o movimento tem buscado direcionar sua ação, primordialmente, para mobilizar mulheres da classe trabalhadora, sobretudo, segmentos de mulheres negras, como afirma o relato.

Então, para gente as mulheres populares, do povo, têm mais centralidade de onde a gente quer chegar, com quem a gente dialoga. Porque a gente acha que o feminismo é uma construção que faz parte de um projeto político e sendo parte disso quem tem que ser protagonistas nisso são as mulheres do povo, as mulheres negras que estão aí em sua grande maioria, então, são elas as sujeitas centrais. Acho que a gente a cada dia quer envolver mais, já fazem parte do movimento, mas a gente quer ampliar mais esse processo de organização dessas mulheres populares, essas mulheres da classe trabalhadora (Entrevistada B, MMM).

O movimento procura usar as TCIs apenas como instrumento de mobilização e divulgação, evitando usá-las nos processos organizativos, como a tomada de decisões, ainda que nem sempre consiga garantir isso, sobretudo, devido sua amplitude nacional.

[...] as decisões tomadas presencialmente e a mobilização é feita via, aí depende, às vezes por telefone também (Entrevistada A, MMM).

Para decidir as coisas são sempre em reuniões presencial, a gente evita decidir coisa por whatsapp (Entrevistada G, MMM)

A MMM tem se apropriado das TICs de maneira a explorar suas potencialidades sem perder de vista suas limitações e contradições na apropriação delas por parte dos movimentos sociais como mostram os trechos dos relatos abaixo.

Não funciona, mas a gente sempre tenta não usar o Facebook como uma ferramenta organizativa nossa, por ser uma ferramenta corporativa de uma grande empresa, mas a gente então usa Facebook, Twitter, essas coisas, principalmente, para fora e a gente tem uma boa experiência disso, quando a gente organiza no coletivo de comunicadoras uma boa difusão das ações que a gente faz, o alcance é muito grande. [...] As redes sociais são muito importantes, mas como a gente é um movimento popular, nem só de rede sociais vive um movimento [...], o que a gente mais investe de conseguir recurso é de fazer materiais impressos com linguagem simples, explicando a agenda, [...] então a gente investe muito na produção de materiais impressos da Marcha [...] (Entrevistada C, MMM).

A gente faz uma discussão do software livre, enfrentamento aos monopólios, toda essa coisa da Microsoft, a gente tem optado por softwares livres para ter mais segurança. No último período temos fortalecido nossa segurança das redes. A gente teve uma oficina, no ano acontece 3 ou 4, dependendo de como a gente se organiza, pra debater segurança nas redes. Temos tentado instrumentalizar as militantes para a utilização desse software (telegram) (Entrevistada D, MMM).

É importante o debate nas redes, mas precisamos de uma ancoragem real, concreta. Temos muito o que aprender e construir na segurança nas redes, temos priorizado... A gente ainda tá incipiente, dando passos nesse sentido. A gente tem conseguido acessar um público que nos interessa, mas a gente tem usos que podem vir com criminalização, nas redes essas coisas são mais expostas, mais abertas. Várias militantes tem perfil bloqueado na internet e nos inspira cuidado, temos com dificuldade, tentado ampliar o uso das mídias e softwares livres para melhorar a comunicação. Mas a militância é mais acostumada com as coisas da Microsoft, é mais fácil pra elas (Entrevistada D, MMM).

Os relatos demonstram que a MMM não utiliza o espaço da internet como substituto dos encontros presenciais e tampouco, vê as mídias digitais como principal mecanismo mobilizador de suas ações. Isso não significa desconsiderar a importância das TICs. Por fim, ressalta-se que diante desses desafios no uso das TICs, esse movimento tem buscado se envolver em lutas pela democratização da comunicação, compondo o Fórum Nacional de Comunicação (Entrevistada B, MMM).

Movimento de Mulheres Camponesas

O processo de mobilização do MMC é direcionado basicamente a alcançar as mulheres camponesas, inclusive as que ainda não estão organizadas em algum movimento social. Já o processo de divulgação de algumas pautas, como da alimentação saudável, também se orientam para a população urbana, por exemplo, por meio de folders entregues em feiras livres (Entrevistada L, MMC).

Os principais materiais de comunicação externa são: folders e pequenas revistas para divulgação de pautas. Já a comunicação interna utiliza também de cartilhas com orientações gerais, no estilo de passo a passo, para a organização dos grupos. Ainda que o movimento utilize das TICs como ferramenta de comunicação, divulgação e mobilização, principalmente, no âmbito da organização a nível nacional, por exemplo, por meio de lista de e-mails e whatsapp, o uso desses mecanismos ainda é secundário e em condições precárias tanto no que se refere à estrutura do movimento quanto do acesso restrito das militantes camponesas (Entrevistadas L, M e N, MMC),

[...] a gente, às vezes, pensa que essas mídias chegam a todos os lugares, mas não chegam tão facilmente nos interiores ainda. As companheiras vão uma vez por semana, a cada quinze dias a algum local para ter acesso ao e-mail ou em algum local que tenha wi-fi para acessar o whatsapp (Entrevistada M, MMC).

A mídia ajuda a fazer uma divulgação, convocatória, mas também têm pontos negativos. A maioria das mulheres não domina a mídia. [...] No movimento tem pessoas analfabetas e semi-analfabetas (Entrevistada N, MMC).

Assim, considerada a realidade das militantes do movimento, “[...] é preciso entrar em contato individual, quase sempre, com as pessoas” (Entrevistada M, MMC), seja por meio de ligação telefônica ou mensagem de texto ou no boca a boca pessoal mesmo. Não à toa, a comunicação fica centrada basicamente no papel das lideranças como indica o relato: “[...] acaba que o nosso principal meio de comunicação são as dirigentes nacionais. As coordenações, porque são elas que a gente reúne, elas que descem, elas que sobem a informação também que vem da base” (Entrevistada L, MMC). Mas, mesmo que a divulgação e mobilização por meios das mídias digitais não alcance boa parte do principal público-alvo do movimento, as mulheres camponesas, elas acabam alcançando outros grupos, como a juventude e mulheres urbanas, destaca outra entrevistada (M, MMC). Assim, o movimento considera importante fazer uso desses mecanismos. E, nesse sentido, o papel primordial das lideranças não se reduz à responsabilidade com a comunicação boca a boca, mesmo o manejo das TICs fica a cargo delas.

[...] mas muito, são as dirigentes que fazem também essas tarefas da comunicação. De comunicação, eu falo muito no sentido de fazer matérias, notícias e divulgar no site, porque a gente tem um site) e nas mídias sociais, porque a gente também tem um facebook que é do movimento nacional e, também tem o facebook dos estados. Alguns estados também têm seus sites próprios, onde colocam as suas notícias, notícias da política em geral também para divulgar [...] (Entrevistada M, MMC)

Ainda que considerem as TICs fundamentais para a organização do movimento, elas não são tidas como centrais para a organização e nem é desejo do mesmo que elas sejam, como sintetiza o relato abaixo.

[...] Eu acho que a gente não tem que substituir esse diálogo mais próximo e esse diálogo da fala, por essas mídias que podem contribuir. Contribuem, mas não podem substituir esse tipo de conversas, inclusive mais políticas que são necessárias serem feitas e que às vezes há ruídos na comunicação quando a gente só manda mensagens ou coisas em grupo, porque as coisas se perdem. Mas são importantes e agente utiliza. [...] Eu avalio que é importante, é um espaço que a gente tem que ocupar, porque as mídias são essas onde a gente pode colocar a nossa fala, a nossa voz e a nossa posição política e desconstruir, sobretudo, as outras ideologias que estão dominando a nossa sociedade, então, a gente utilizar essas mídias e ocupar esse espaço é fundamental porque a gente tem clareza que a mídia dominante não vai falar a nossa voz. Muito pelo contrário, vai distorcer a realidade, vai construir um outro consenso, uma outra ideia que não é a nossa ideia, que não é a nossa luta, mas é a ideia da classe dominante. Então, por isso é necessário a gente ocupar também esse espaço, dar visibilidade às nossas lutas nesses espaços, porque as grandes mídias não vão dar [...] Então, é preciso a gente também utilizar para dialogar com a parte da sociedade a partir desses espaços das mídias digitais, dessas mídias que a gente fala alternativas (Entrevistada M, MMC).

4 Considerações Finais

De maneira geral, as entrevistas com militantes dos movimentos feministas consolidados pesquisados apontam que comunicação em cada um deles tem sido realizada por diferentes meios: boca a boca, telefone, rádios comunitárias, lambe-lambes, lista de e-mails, blogs, site, facebook, grupos no whatsapp mais restritos a militantes orgânicas ou coordenadoras e grupos ampliados a toda base, telegram e outros aplicativos. Esses meios visam emitir mensagens faladas, impressas, de áudio, virtuais, que em alguns casos podem ser combinadas também com meios artísticos como teatro de rua. A diversidade desses mecanismos e das formas de emitir a comunicação expressa a heterogeneidade da composição social dos próprios movimento (que abrange desde jovens até mulheres mais velhas), mas também, a finalidade da comunicação e o público-alvo a quem se destina, por exemplo se é para comunicar com a sociedade, mobilizar novas mulheres para participarem do movimento, fazer repasses para as militantes da base ou estabelecer uma rede de contato entre as militantes mais orgânicas ou lideranças/coordenadoras.

Um ponto interessante que aparece nos relatos e que se assemelha à tendência anunciada a respeito dos movimentos sociais contemporâneos, é que as mídias digitais são mecanismos utilizados mais pela juventude, sobretudo, urbana e de classe média. Foi destacado pelas entrevistadas dos movimentos feministas, o fato de que as mulheres dos segmentos populares, sobretudo, do meio rural ainda possuem um acesso bastante restrito a esses meios digitais. Apesar de evidenciarem a importância da apropriação das TICs pelos três movimentos, as entrevistas rompem com a ideia de um espaço virtual livre e democrático, apontando não apenas a questão do acesso restrito, mas também para os perigos decorrentes do controle desses meios por grandes corporações e da divulgação de ações que pode acabar sendo usada com interesses de criminalizar os movimentos.

Isso não significa que para esses movimentos as TICs não sejam importantes, ao contrário, tanto que em alguns casos, o uso delas começa a extrapolar o caráter instrumental avançando para o processo de organização ainda que em dimensão muito menor do que os movimentos que os *movimentos sociais em rede*. De todo modo, é significativo perceber que as TICs começam a ocupar um lugar de destaque, ainda que não central, mesmo nos movimentos consolidados, uma vez que diante de suas falhas e desafios concretos no uso das mídias digitais, os movimentos pesquisados sinalizam o desejo de superar estas barreiras e qualificar sua atuação no processo de mobilização e divulgação por meio destes espaços e instrumentos de comunicação.

5 Referências

- AMARAL, Roberto. A grande rede e a explosão das ruas. *In*: SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo (Orgs.). **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 8-12.
- BARKER, Colin. “O movimento como um todo”: ondas e crises. **Revista Outubro**, n. 22, 2. sem. 2014.
- BRAGA, Ruy. **A pulsão plebeia: trabalho, precariedade e rebeliões sociais**. São Paulo: Alameda, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos**. 2013. 53f. Monografia (Graduação em Estatística)-Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HARVEY, David *et al.* **Occupy: movimento de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta maior, 2012.
- PEREIRA, Célia Barbosa da Silva. **A relação entre movimento feminista e partidos políticos de esquerda no Brasil, no contexto de acirramento da crise capitalista, 2008-2017**. Vitória. 2019. 555f. Tese (Doutorado em Política Social)-Programa de Pós-Graduação em Política Social, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais 2011: estamos frente a uma nova forma de fazer política? *In*: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (Orgs.). **Movimentos sociais na era global**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 129-145.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014.